

## **Registros históricos sobre o uso de silicone industrial por travestis no Brasil**

Guilherme José Parisi<sup>1</sup>

**Resumo:** Diante da escassez de dados históricos sobre o problema de saúde pública relacionado à injeção clandestina de silicone industrial (SI) no corpo humano, o objetivo deste artigo foi levantar registros históricos sobre o uso de SI por travestis presentes em quatro reconhecidas pesquisas etnográficas realizadas no Brasil com essa população nas décadas de 1980 e 1990. A análise da pesquisa de Oliveira (1994) revela que, embora conhecido entre as travestis de Salvador, o SI não havia sido utilizado por nenhuma participante, à medida que ainda não estava disponível na região. Silva (1993) cita timidamente o SI e em nenhuma passagem indica que as participantes da pesquisa usaram o produto ou que este encontrava-se disponível na cidade do Rio de Janeiro. Único pesquisador que descreveu em detalhes uma sessão de aplicação do SI, Kulick (2008) é o autor que mais contribui com registros históricos sobre o recurso, amplamente usado pelas travestis do Pelourinho (Salvador). Benedetti (2005) indica amplo uso do produto pelas travestis de Porto Alegre, apresentando consideráveis informações sobre o uso do silicone na região. Os registros encontrados permitem contextualizar historicamente o uso de SI pelas travestis no Brasil, mas não são capazes de constituir um retrospecto histórico sobre o fenômeno.

**Palavras-chave:** Travestis; Silicone Industrial; História; Antropologia.

---

<sup>1</sup>Psicólogo. Mestre em Psicologia Social pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), onde é membro do Núcleo de Pesquisa Dialética Exclusão/Inclusão Social (NEXIN). Email: guilherme.parisipsi@gmail.com

Há pelo menos três décadas a comunidade científica brasileira assiste ao desenvolvimento crescente de um conhecimento acerca das experiências travestis (FAVERO, 2020; OLIVEIRA *et al.*, 2021; YORK; OLIVEIRA; BENEVIDES, 2020), movimento caracterizado por diferentes temas e perspectivas teóricas, metodológicas e epistemológicas (DIAS, 2022). Em revisão crítica de literatura que analisou o discurso científico acerca da travestilidade no período de 2001 a 2010, Amaral *et al.* (2014) constataram que dentre as 92 obras analisadas os temas mais frequentemente abordados relacionavam-se ao corpo, ao processo saúde-doença e também à prostituição.

Segundo Pelúcio (2005a), há um discurso imperativo no universo da travestilidade sobre o cuidado com a aparência física; assim, o capital corporal buscado e obtido por muitas delas permite a demarcação e construção do gênero e da feminilidade. Os gastos financeiros e de tempo com as transformações corporais objetivam permitir chegar-se a um padrão de feminilidade que geralmente pauta-se em um ideal hegemônico de mulher imposto socialmente (NOGUEIRA; LEÓN, 2012). A fim de conquistar esse *status*, as travestis recorrem a diferentes itinerários de reconstrução corporal disponíveis, sejam estes operantes sob a lógica do sistema oficial de medicina ocidental ou da clandestinidade (PELÚCIO, 2007; CASSALHA *et al.*, 2020; SOUZA, 2022).

Representante do itinerário oficial de reconstrução corporal, o Processo Transexualizador do Sistema Único de Saúde (SUS) passou, desde 2013, a aceitar as travestis como usuárias potenciais de seus serviços; entretanto, embora tenha representado um importante avanço, é fato que os diversos obstáculos e deficiências desta política pública muitas vezes aumentam, de modo indireto, a procura por métodos clandestinos e perigosos de intervenção corporal (BROILO; JESUS, 2022; FAVERO, 2021; MORAIS; CORTES, 2020; TAGLIAMENTO, PAIVA, 2016), à medida que, dentre outras coisas, não responde eficientemente às demandas estético-existenciais específicas das travestis.

Componentes centrais dos itinerários clandestinos de reconstrução corporal, as técnicas de bombar o corpo são procedimentos caseiros que consistem na injeção de silicone industrial<sup>2</sup> em partes estratégicas do corpo travesti, como nádegas, quadris e seios, a fim de remodelá-los e dar mais um passo na instituição da feminilidade, pois [...] “a intervenção na carne é também uma alteração moral” (PELÚCIO, 2005b, p. 100). Segundo Pelúcio (2005b), o processo de construção da travestilidade geralmente se dá através de passos, partindo-se da utilização de adornos femininos de modo intermitente, retirada de pelos, uso de hormônios femininos e desagua em transformações mais radicais e definitivas, como a aplicação de silicone industrial, prática usada pelas travestis há pelo menos 45 anos.

O silicone industrial, usado principalmente entre as travestis que exercem a prostituição e as de baixa renda, é um produto impuro, não estéril e contraindicado pela Agência Nacional de Vigilância Sanitária (Anvisa) para uso estético em seres humanos que, entretanto, é de fácil acesso às pessoas em geral, além de possuir baixo custo. É um insumo utilizado principalmente pela indústria para lubrificação de máquinas, na lustração de automóveis e na construção civil (PINTO et al., 2017; GARCIA, 2007). Em grande parte das usuárias que o injetam no corpo, seu uso leva a sérios efeitos deletérios, como “infecções, migração do produto para outras áreas do corpo, deformidades, siliconomas, necroses teciduais, embolia pulmonar e até a morte” (PINTO et al., 2017, p. 2; PORCINO et al., 2022). Segundo Dias e Arruda (2021), considerando seus efeitos negativos, o uso do silicone industrial pode ser considerado uma violência autoprovocada pelas travestis.

Alguns estudos epidemiológicos estimaram a prevalência do uso de silicone industrial no Brasil e em outras regiões do mundo. Em Salvador, Silva et al. (2022) apontaram prevalência de 31% entre travestis e transexuais, enquanto Porcino et al. (2022) apontaram 40%. No estado de São Paulo a prevalência encontrada foi de 49%

---

<sup>2</sup> Neste texto usamos o termo “silicone industrial” para fazer referência ao produto, porém ele também pode ser denominado “silicone líquido” e/ou “silicone líquido industrial”.

(PINTO *et al.*, 2017). Segundo Rego (2018), na Argentina, cerca de 61% das 450 mulheres trans participantes de um estudo utilizaram o silicone industrial; já em Porto Rico, de 39 participantes, 64% fizeram uso do produto. Outras pesquisas, realizadas em São Francisco (Califórnia) e no Vietnã, apontaram que entre mulheres trans a prevalência deste recurso foi de, respectivamente, cerca de 16% e 39% (SILVA *et al.*, 2022).

Embora, como constataram Amaral *et al.* (2014), a dimensão do corpo tenha sido reconhecidamente pesquisada e explorada como objeto de estudo, algumas problemáticas foram priorizadas enquanto outras tiveram pouco destaque; a escassez de estudos sobre a relação das travestis com o silicone industrial é um exemplo desta afirmação, pois, a despeito de ter indicada nas últimas décadas como um urgente problema de saúde pública (PERES, 2008; 2010; COSTA; ADRIÃO; CAVALCANTI, 2015), tem recebido poucos esforços analíticos advindos das Ciências Humanas e Sociais. A título de exemplificação, uma pesquisa bibliográfica utilizando-se as palavras-chave “travestis” e “silicone” nas principais bases de dados brasileiras revela a escassez de estudos e pesquisas sobre a problemática. No SciELO (*Scientific Electronic Library Online*), por exemplo, somente três artigos científicos são encontrados (FERREIRA; FRANCISCO; NOGUEIRA, 2016; PINTO *et al.*, 2017; SILVA *et al.*, 2022); enquanto na BVS (Biblioteca Virtual de Saúde), por sua vez, são encontrados outros sete (DAVI; BRUNS, 2015; DAVI; BRUNS, 2017; GIANNA, 2011; HOENISCH; PACHECO, 2012; MALES *et al.*, 2010; POLLOCK *et al.*, 2016; WIESSING *et al.*, 1999).

De modo geral, são publicações que apenas citam o silicone industrial como um elemento importante para a comunidade trans e travesti. Ou seja, no total poucos deles têm essa problemática como objeto central de estudo.

Se a comunidade científica pouco tem se debruçado sobre o uso de silicone industrial na comunidade trans e travesti, a produção teórica sobre a historicidade deste recurso é ainda mais pobre. Dos artigos anteriormente relatados, quase nenhum se

propõe a apresentar dados históricos significativos sobre a prática de injeção deste produto no corpo das travestis.

Considerando esta conjuntura, o objetivo deste artigo foi levantar registros históricos sobre o uso de silicone industrial por travestis presentes em quatro reconhecidas pesquisas etnográficas realizadas no Brasil com esse público nas décadas de 1980 e 1990 (SILVA, 1993; OLIVEIRA, 1994; BENEDETTI, 2005; KULICK, 2008). Alguns critérios foram utilizados na seleção das pesquisas analisadas: consideramos 1) que tais pesquisas tornaram-se estudos clássicos sobre travestilidade, citados amplamente pela comunidade científica que trabalha com esse fenômeno; 2) o pioneirismo de terem realizado pesquisas com travestis nas décadas de 1980 e 1990, momento histórico que abriu portas a um movimento crescente da ciência brasileira a fim de compreender as experiências travestis; 3) e, também, o fato de estamparem consideráveis dados sobre os itinerários terapêuticos das travestis na busca por saúde e beleza em diferentes contextos brasileiros.

Os resultados apresentados em sequência são fruto da leitura crítica das quatro obras supracitadas, estando organizados conforme a ordem cronológica da realização de cada pesquisa.

## **Resultados**

*Damas de Paus: o jogo aberto dos travestis no espelho da mulher (Neuza Maria de Oliveira, 1994)*

Publicado sob o título “Damas de paus: o jogo aberto dos travestis no espelho da mulher”, o livro de Oliveira (1994) apresenta os resultados de pesquisa realizada entre 1982 e 1984 com cerca de quarenta travestis no Pelourinho, região baiana localizada em Salvador. Para sua realização, a autora lançou mão de entrevistas orais e observação participante, entrando em contato com travestis envolvidas no mercado sexual.

Oliveira (1994) afirma que, a despeito da moral sexual vigente, a década de 1980 assistiu à ampliação da prostituição travesti. Para a autora, essa situação teve como efeito a emergência de um mercado clandestino de serviços de transformação corporal, em que produtos como o silicone líquido tiveram sua cotação valorizada nos negócios da prostituição. Para algumas participantes da pesquisa, o silicone significava, sobretudo, um investimento, à medida que permitia “fazer” mais dinheiro no mercado do sexo, por esculpir no corpo as características que atraíam os clientes (OLIVEIRA, 1994). É importante salientar, entretanto, que o que estamos chamando de silicone industrial a autora chamava de silicone líquido.

Na fundamentação teórica, Oliveira (1994) qualifica as travestis como seres que se valem de diferentes artimanhas para transformar continuamente o corpo, inclusive através do uso do silicone líquido. No entanto, embora a obra cite o silicone líquido em diferentes trechos, a autora esclarece que no contexto pesquisado este recurso esteve distante de suas informantes, não sendo encontrado nas vinte travestis entrevistadas. No entanto, relata que algumas delas angariavam recursos para futuramente recorrer a tais técnicas, que eram realizadas no “sul” do país (OLIVEIRA, 1994).

Durante os trabalhos de campo e nas pesquisas nos arquivos de jornais, não se verificou a presença de pessoas que dispusessem de silicone ou possuissem a técnica de aplicação, mesmo que sem controle médico, como ocorre no Rio de Janeiro e São Paulo. Os poucos travestis baianos que são siliconizados não moram no Pelô, o que já denuncia um poder aquisitivo mais elevado, vez que o custo da aplicação é alto (OLIVEIRA, 1994, p. 112).

Quando se trata da modelagem do busto, o silicone líquido é injetável diretamente no bico do seio, ou diretamente na região do corpo a ser alterada. Este tipo de processo tem seu uso mais alargado entre os travestis e, evidentemente, é mais barato, por ser colocado por pessoas não capacitadas. Isto resulta muitas vezes em lesões físicas, tumores cancerígenos e, em muitos casos, em morte. Segundo pesquisas em arquivos e jornais e declaração de informantes, o silicone líquido é negociado em pequenas doses e na clandestinamente. Um travesti informa que "Para fazer o peito é Cr\$ 190.000,00, o rosto Cr\$ 300.0000,00 e o quadril Cr\$ 200.000,00" (OLIVEIRA, 1994, p. 130).

O desejo de bombar diferentes partes do corpo com silicone já era uma realidade entre grande parte de suas informantes, mesmo os riscos da intervenção não sendo desconhecidos. A autora também registrou que uma pequena parte do grupo não desejava realizar as aplicações do produto, seja porque gostavam da reversibilidade dos hormônios femininos (método mais barato que o silicone, inclusive), seja porque se auto intitulavam transformistas (OLIVEIRA, 1994). A autora relata, ainda, que o silicone líquido passou a ser utilizado de maneira abusiva pelas travestis da época, sem controle de qualidade e prescrição médica; exemplifica que no ano de 1983, em São Paulo, o uso da substância levou à morte de nove travestis e causou lesões físicas em outras cinquenta e oito delas. Informantes da autora demonstraram, também, que à época a expressão "bombar o corpo" já se fazia presente.

*Travesti – a invenção do feminino (Hélio Silva, 1993)*

Silva (1993) publicou sua etnografia, intitulada “Travesti - a invenção do feminino”, um ano após a finalização do trabalho de campo, que ocorrera durante onze meses entre os anos de 1991 e 1992. O universo escolhido pelo autor foi a Lapa, região boêmia da cidade do Rio de Janeiro que, à época, caracterizava-se por ser um reduto importante para a prostituição de travestis. Na convivência com suas informantes, Silva (1993) levantou principalmente dados sobre a inserção das travestis no mercado do sexo, a relação delas com o território e com seus clientes, maridos, namorados e companheiras de pista; ao contrário de outros estudos analisados, como Kulick (2008) e Benedetti (2005), as intervenções corporais foram abordadas pelo autor em segundo plano.

Silva (1993) relata que uma de suas informantes conhecia um espaço em São João do Meriti onde era possível moldar a bunda com silicone, a partir de modelos corporais expostos em fotografias, como, por exemplo, bunda de Cláudia Raia, de Monique Evans etc. O procedimento, em fevereiro de 1991, custava doze mil cruzeiros.

Neste trecho, como em vários outros em que o silicone é citado, o autor não utiliza os termos “industrial” ou “líquido” para identificar o tipo de silicone a que se refere; tampouco, fala em “prótese” de silicone. Entretanto, em uma passagem do texto (p. 93), indica ter tomado ciência que uma travesti artista havia morrido em 1985 em decorrência da injeção de silicone “industrial”.

Em certo trecho, o autor sinaliza o silicone como um diferenciador entre transformistas e travestis; para Silva (1993), enquanto estas se produzem com o auxílio do silicone, aqueles conseguem o feito no “truque”, isto é, recorrendo a intervenções mais superficiais e temporárias. Uma das participantes da pesquisa, nesse mesmo tom, afirma que “travesti tem que ter silicone, hormônio” (SILVA, 1993, p. 133).

Referindo-se à dimensão moldável do corpo, numa nota de rodapé (p. 123), Silva (1993) utiliza a expressão “enxerto de silicone” para se referir a um dos recursos disponíveis para se produzir transformações corporais; o sentido da palavra enxerto talvez possa indicar que o autor se referia ao silicone industrial, mesmo quando utilizou a palavra silicone de modo avulso em outras partes da obra. Além disso, outro trecho do texto parece corroborar nossa hipótese: “o silicone que se desloca, provocando deformações, algumas vezes irreversíveis (a legendaria Irene Papuda, que morava ali na Lapa, cujo silicone facial descera para o pescoço, formando um círculo adiposo que a transformou em um monstro” [...]) (SILVA, 1993, p. 130).

Chama atenção o fato de o autor não narrar nenhuma situação de envolvimento das participantes da pesquisa com o silicone industrial, embora em diferentes momentos cite o silicone como uma artimanha para a construção do corpo e da feminilidade das travestis. É importante pontuar, também, que em nenhuma passagem do livro o autor indica que as participantes da pesquisa usaram o silicone industrial, ou que o produto estava disponível na cidade do Rio de Janeiro. Desse modo, diferentemente de outras pesquisas por nós consideradas (KULICK, 2008; BENEDETTI, 2005), a obra não descreve o processo de bombar o corpo.



*Toda feita: o corpo e o gênero das travestis (Marcos Benedetti, 2005)*

Publicada em formato de livro sob o título “Toda feita: o corpo e o gênero das travestis”, a pesquisa etnográfica de Benedetti (2005) fora iniciada no ano de 1995 em Porto Alegre (RS), momento em que o autor começou a aproximar-se das travestis que se prostituíam na cidade, a fim de compreender as práticas sociais de construção do gênero que se davam a partir das radicais transformações corporais realizadas por suas interlocutoras.

No contexto pesquisado por Benedetti (2005), o silicone líquido já havia se firmado enquanto um instrumento de transformação corporal para as travestis. Assim como Oliveira (1994), Benedetti (2005) utiliza a expressão silicone líquido ao invés de silicone industrial.

Segundo o autor, à época havia somente uma bombadeira na cidade de Porto Alegre, sendo uma profissional respeitada e admirada pelas travestis; essa profissional, inclusive, havia bombado quarenta e oito travestis participantes da pesquisa. Ao pesquisador, as participantes do estudo relataram que existiram outras profissionais que já tinham realizado as aplicações do silicone na cidade, porém tiveram de interromper a atividade frente aos resultados ruins. Além da única bombadeira citada, uma profissional residente em outra capital frequentava Porto Alegre regularmente para oferecer os famosos serviços, realizados por ela principalmente na região da face das clientes. Benedetti (2005) demonstra, ainda, que algumas travestis preferiam recorrer a outras cidades, como Rio de Janeiro e São Paulo, onde era possível encontrar bombadeiras melhores e mais reconhecidas. Benedetti (2005) explicita ter entrado em contato com relatos que informavam sobre um médico que realizava, em São Paulo, serviços similares aos oferecidos pelas bombadeiras.

O autor tentou assistir a uma sessão de aplicação do silicone líquido, mas não conseguiu, graças ao teor clandestino desta prática, que perante a lei configurava crime de mutilação. Benedetti (2005) assinala que naquela época as aplicações eram

consideradas crime de lesão corporal pelas travestis. Além disso, constatou ser muito difícil comprar o silicone líquido, um produto não disponível no comércio, que geralmente era adquirido pelas bombadeiras através de um fornecedor misterioso.

O autor afirma ainda que as bombadeiras deixavam o silicone líquido no congelador por três dias com o objetivo de esterilização; para sua aplicação no corpo das travestis, era comum o uso de seringas e agulhas veterinárias, por serem mais grossas. Ademais, explicitou, também, que duas participantes da pesquisa haviam bombado o corpo com uma substância chamada lujol, óleo mineral de uso mecânico utilizado na década de 1980.

Diferentemente do que observou Kulick (2008), Benedetti (2005) obteve a informação de que as aplicações eram realizadas sem anestesia, prática considerada muito perigosa para ser realizada por um profissional não médico. Essa informação corrobora o argumento de Kulick (2008) de que as bombadeiras eram autodidatas e, por isso, os costumes das diferentes profissionais variavam radicalmente.

Segundo Benedetti (2005), o silicone líquido era usado principalmente por travestis que já haviam usado hormônios, com objetivo de aprimorar as formas do corpo já inicialmente transformado pelos medicamentos ingeridos. Ademais, segundo o autor, a decisão de injetar o produto parecia muito bem pensada pelas travestis, sendo rejeitada por algumas delas. Assim, embora tenha constatado a alta valorização simbólica que o silicone industrial tinha entre esse grupo enquanto um instrumento de construção do feminino, o autor salienta que seu uso não era um consenso; há relatos de travestis que criticavam os excessos e perigos decorrentes da prática, preferindo recorrer a outros meios, como uso de hormônios femininos.

Em uma nota de rodapé, Benedetti (2005) traz breve informação histórica sobre o uso do silicone industrial:

Não se sabe precisamente quando aconteceram as primeiras aplicações do silicone com objetivo de fabricar novos perfis no corpo das travestis. Fernanda Albuquerque conta, em seu livro, que as primeiras aplicações de

silicone aconteceram na cidade de Curitiba, por volta do ano de 1981. Teriam sido executadas por uma travesti que morava na França e lá aprendeu a técnica. Essa travesti, chamada Daniela, teria bombado o corpo de travestis famosas no Brasil, como Roberta Close, Thelma Lipp e outras (Albuquerque & Janelli, 1995: 150) (BENEDETTI, 2005, p. 83).

Benedetti (2005) indica, também, que as travestis que possuíam silicone necessitavam de um cuidado: não injetar os hormônios femininos na região do corpo que foi siliconizada, considerando que a prática poderia acarretar problemas. Entretanto, sabe-se que as marcas deixadas pelo silicone líquido eram exibidas com orgulho pelas travestis, à medida que indicavam o amplo investimento na fabricação corporal.

*Travesti: prostituição, sexo, gênero e cultura no Brasil (Don Kulick, 2008)*

A pesquisa etnográfica de Kulick (2008), publicada sob o título “Travesti: prostituição, sexo, gênero e cultura no Brasil”, foi realizada de 1996 a 1997 no Pelourinho, bairro baiano localizado em Salvador, que, à época, constituía-se um espaço privilegiado da prostituição ruela realizada pelas travestis.

Neste contexto, a aplicação de silicone industrial era um dos vários instrumentos utilizados pelas travestis para se reconstruir o corpo; inclusive, relata Kulick (2008), as travestis frequentemente consultavam umas às outras sobre a quantidade de litros do produto que deveriam injetar no corpo para, por exemplo, ficar com nádegas e outras partes do corpo bonitas. Além do mais, chama atenção o fato das participantes da pesquisa indicarem que a motivação para aplicar o silicone industrial viria da possibilidade de ganhar mais dinheiro na prostituição, situação também encontrada por Oliveira (1994) em pesquisa realizada cerca de uma década antes, quando sequer o silicone industrial estava disponível em Salvador.

O autor afirma que as notícias sobre o surgimento do silicone industrial se espalharam com celeridade entre as travestis brasileiras.

Ao que parece, logo depois que a notícia se espalhou, alguns indivíduos empreendedores começaram a buscar meios de adquirir silicone sem que isso envolvesse, necessariamente, importar o produto da França [...]. Acabaram descobrindo o silicone industrial. Este difere do silicone cirúrgico por não ser estéril nem puro. É largamente utilizado na indústria para as mais diversas finalidades, como a fabricação de painéis de automóveis e, na construção civil, como material de vedação (KULICK, 2008, p. 92).

Para Kulick (2008), sendo uma etapa radical e irreversível, o uso de silicone industrial configurava-se uma das últimas etapas da conformação de uma travesti, que implicava consequências para o resto da vida. Segundo o autor, naquele momento, travestis do Brasil inteiro consideravam o produto milagroso e revolucionário, pois permitia a conquista de importantes atributos corporais femininos. Às vezes chamado de óleo pelas travestis de Salvador, o silicone industrial era tema recorrente nas conversas do grupo; nessas situações, elas teciam comentários sobre: a dor que envolvia as aplicações, a quantidade que as outras travestis tinham injetado, a parte do corpo escolhida, a profissional que realizara, e até mesmo a cidade em que o procedimento fora feito. Além disso, estavam sempre exibindo as partes do próprio corpo que foram bombadas. A quem possa interessar, na p. 87 é possível encontrar um diálogo sobre o silicone industrial, em que duas travestis comentam suas experiências com o produto e os planos para novas aplicações.

Dentre as quatro obras por nós analisadas, Kulick (2008) foi o único pesquisador que presenciou uma sessão de aplicação do silicone industrial, descrevendo-a:

No momento, Tina tem quatro agulhas cravadas na nádega esquerda. Há duas horas e meia está sendo “bombada”, isto é, recebendo injeções de silicone aplicadas por outra travesti vinda de Recife. Agora, quase 2h30 da madrugada, as partes interna e externa das coxas de Tina, o quadril e a nádega direita estão prontos. Os furos deixados pelas agulhas rombudas vão sendo preenchidos com gota de cola SuperBonder e cobertos com pequenas bolas de algodão. O frasco contendo um litro de silicone, que Tina trouxera para a operação, está quase vazio. Keila está sentada em uma cadeira ao lado da cama, enchendo seringas com o que resta do silicone e entregando-as a Carlinhos, a “bombadeira”. Carlinhos recebe a seringa de Keila, verifica uma vez mais se não tem ar dentro dela e a encaixa numa das agulhas fincadas em Tina. Transpirando um pouco de calor e de cansaço pelas últimas horas de esforço físico, pressiona o êmbulo da seringa com as duas mãos, e com toda a

força, para que o material plástico espesso desça pela agulha e penetre profundamente o corpo de Tina (KULICK, 2008, p. 63).

Esse litro de silicone que Tina injetou nos quadris, coxas e bumbum não foi o primeiro. Ela não deitou na cama de Tânia naquela noite com o “corpo virgem”, como dizem as travestis. Antes ela havia aplicado dois litros e meio de silicone nas partes inferiores do corpo. E, alguns dias depois, quando a reencontrei na rua em frente ao seu quarto, rebolando orgulhosamente seu bumbum novo ao som da batida de um pagode que vinha de um rádio na vizinhança, ela me disse que pretendia aplicar outros dois litros tão logo tivesse dinheiro (KULICK, 2008, p. 64).

Referindo-se à sessão de bombaço a que assistiu, Kulick (2008) complementa que a própria travesti bombada havia providenciado o silicone e outros itens necessários (geralmente as travestis eram instruídas a providenciar seringas, agulhas de uso veterinário, xilocaína - droga anestésica, álcool, papel higiênico, meia-calça, bandagens de tecido, frasco de cola-tudo e algodão) de acordo com as instruções da bombadeira. Esta profissional, de acordo com o autor, morava numa cidade do Norte do Brasil e encontrava-se em Salvador para uma rápida visita.

Nesse contexto, os fornecedores do produto não o comercializavam diretamente às travestis, à medida que tinham ciência que estas utilizavam o silicone para aplicação corporal, prática que consideravam ilegal. No entanto, sabe-se que algumas travestis mantinham contato com fornecedores, a fim de conseguir o produto clandestinamente; as travestis que conseguiam, compravam muitos litros do produto, para que pudessem revendê-los com grande lucratividade.

Em fevereiro de 1995 eu acompanhei uma amiga travesti até uma revenda industrial onde ela tinha um contato. Essa pessoa vendeu à minha amiga cinco litros de silicone ao preço de seis reais por litro. Ela revendeu o produto com preços variando de setenta a cem reais por litro. No final de 1996, o preço do litro de silicone já havia aumentado para duzentos reais no mercado das travestis (KULICK, 2008, p. 93).

Kulick (2008) esclarece que às vezes as travestis mensuravam em copos a quantidade de silicone a ser injetada. Afirma que algumas delas possuíam alguns copos

injetados, muitas tinham de dois a cinco litros, enquanto outras tinham até 20 litros do produto no corpo. Revela, também, que as travestis de Salvador bombavam principalmente nádegas, quadris, coxas e joelhos, sendo incomum o uso do produto nos seios. Quando realizavam a aplicação nessa região, geralmente deixavam para mais tarde. Para o autor, tal costume relacionava-se, em partes, aos ideais estéticos da realidade brasileira. Além disso, as participantes da pesquisa acreditavam que aplicações do produto nessa região, além de dolorosas, provocavam câncer, ao contrário das aplicações em outras partes do corpo.

As travestis tinham ciência dos efeitos deletérios da aplicação do silicone industrial; por isso, também, não costumavam com frequência aplicá-lo no seio, com receio da migração do produto atingir o coração. De acordo com Kulick (2008), elas conheciam muitas histórias infelizes relacionadas à bombação, que iam desde a formação de nódulos protuberantes acima do estômago, à formação de inchaço entre os seios, que formavam um “peito de pomba” (mono-mama).

As deformações corporais causadas pelo silicone industrial se faziam presentes à época da pesquisa, principalmente o deslocamento do produto em decorrência de brigas e espancamentos; como demonstra Kulick (2008), espancamentos advindos de policiais eram frequentes e estes, percebendo o terror e a destruição que poderiam causar às travestis, pareciam ter ainda mais satisfação em espancá-las. Embora o silicone industrial fosse um produto que impregnava nos tecidos e músculos, com remoção quase impossível do corpo humano, as travestis realizavam incisões na carne e, com auxílio de uma gaze, conseguiam remover certa quantidade do produto, que era expelido junto com sangue (KULICK, 2008).

Kulick (2008) publicou as advertências que eram estampadas nas embalagens plásticas em que o produto era comercializado (p. 93):

#### PRECAUÇÕES

Utilize somente em áreas ventiladas  
Evite inalar os vapores

Evite o contato prolongado com a pele  
Mantenha fora do alcance de crianças  
Mantenha longe do fogo e do calor

#### PRIMEIROS SOCORROS

Intoxicação por inalação: remover o paciente para local com ar fresco  
Contato com a pele: lavar com água e sabão  
Contato com os olhos: lavar imediatamente com água corrente por 15 minutos  
Ingestão do produto: procurar atendimento médico

Kulick (2008) também constatou que as travestis não se submetiam de modo impulsivo às aplicações; meses, e às vezes anos, eram dedicados à reflexão sobre a decisão de recorrer a tal prática. Ademais, era comum o uso de hormônios e remédios para ganhar peso, a fim de produzir certa elasticidade na pele, para que, segundo elas, o silicone fosse mais bem acomodado.

Na realidade pesquisada pelo autor, a maioria delas não usava o produto antes do final da adolescência, já que as mais experientes alertavam que o produto poderia migrar facilmente pelo corpo, impulsionado pela fase de crescimento típica deste período.

No entanto, há uma tendência crescente a colocar silicone cada vez mais cedo porque ele produz, mais do que os hormônios, resultados imediatos (e permanentes). Hoje em dia é comum que as primeiras injeções comecem na idade de 16 ou 17 anos. Daí, as travestis continuam colocando silicone periodicamente até por volta dos 25 anos. Então, fazem uma parada, recomeçando as aplicações em torno dos 35 anos - período em que acreditam estar perdendo a beleza da juventude, que pode ser restaurada com um ou dois litros de silicone (KULICK, 2008, p. 91).

Kulick (2008) demonstra também que o silicone industrial era considerado um demarcador da travestilidade, à medida que seu uso era capaz de transformar uma pessoa em uma “travesti de verdade”. Embora incomum, o autor relata a história de uma travesti que assim identificou-se após os vinte anos de idade e que, até então, não havia bombado o corpo. A participante da pesquisa, por não ter aplicado o silicone e tomado

hormônios femininos, não se considerava travesti totalmente. Em decorrência do sofrimento e da dificuldade para ganhar dinheiro no mercado do sexo, cogitava recorrer ao silicone a fim de possuir outros signos de feminilidade. Após o uso de silicone e hormônios, relatou ao autor ter conseguido muitos clientes, dinheiro e namorados atraentes.

Travestis informaram Kulick (2008) que algumas mulheres, frente ao esplendor e à beleza das travestis, pediam conselhos sobre diversos assuntos, inclusive silicone; assim, segundo algumas informantes do autor, as mulheres também se tornaram adeptas à prática, passando a usar o silicone industrial.

Assim como Benedetti (2005), Kulick também utilizou dados propriamente históricos sobre o início dos processos de injeção do silicone industrial no contexto brasileiro.

Considerando seu uso generalizado e sua importância central na vida das travestis, é difícil acreditar que o silicone seja um fenômeno relativamente novo no Brasil. Todos os relatos estimam não mais do que 15 anos de utilização. Fernanda Farias de Albuquerque afirma que as primeiras injeções de silicone aconteceram na cidade de Curitiba em 1981. Uma travesti chamada Daniela havia trabalhado na França e um dia voltou de Paris rica e trazendo na bagagem vários litros de silicone que a fizeram mais rica ainda (Albuquerque & Janelli, 1995: 150). Martinha, de Salvador, também contou que o surgimento do silicone aconteceu em Curitiba no início da década de 1980. Quem quisesse colocar silicone tinha que economizar dinheiro para a viagem. Martinha disse que o silicone trazido de Paris naquela ocasião não era do tipo industrial usado hoje, mas um produto extraído de “algas marinhas”. Banana também lembrava que o silicone importado diretamente da França era diferente. Ela não sabia de que era feito, mas recordava da “coloração rosa, bonita” dos dois copos que injetou nos quadris em 1987 (KULICK, 2008, p. 91).

Conforme relata Kulick (2008), as aplicações eram uma fonte de renda para algumas travestis especialistas na injeção do produto, como as bombadeiras, que, à época, costumavam cobrar mais de 150 reais por litro injetado. Segundo o autor, as bombadeiras eram autodidatas, à medida que aprendiam seu ofício a partir da observação da aplicação do silicone realizada por outra bombadeira; em função de



serem autodidatas, os métodos empregados por cada profissional variavam radicalmente. Kulick (2008) conta que, segundo suas informantes, era comum que bombadeiras de cidades maiores, como Rio de Janeiro e São Paulo, tivessem books contendo fotografias das travestis bombadas por elas, para que as novas clientes pudessem escolher o tipo de corpo que gostariam de conquistar com o silicone.

Expressões ainda hoje frequentemente proferidas já eram comuns naquele contexto, como “a dor da beleza”, que se referia ao intenso e invasivo processo de construção da feminilidade por intermédio do silicone, e “monstros do silicone”, referência às travestis que tiveram seus corpos deformados e mutilados após o uso do produto.

### **Considerações finais**

De modo geral, tentamos condensar neste artigo a maioria das referências que quatro pesquisas, realizadas nas décadas de 1980 e 1990, fazem ao uso de silicone industrial por travestis, considerando a importância que as quatro obras ganharam no cenário científico brasileiro, principalmente nas áreas antropológica e sociológica.

A despeito dos erros teóricos acerca da travestilidade que as quatro obras possam ter cometido, seu valor histórico é inegável, à medida que estampam importantes dados empíricos sobre as vivências das travestis em contextos socioculturais específicos, inclusive relacionados ao uso de silicone industrial; pois pode-se considerar, também, que a escassez de dados históricos constitui-se uma situação limitante imposta às diferentes ciências, à medida que dados históricos sobre seu uso são fundamentais inclusive para a compreensão do atual estado do fenômeno.

Assim, frente a escassez de dados históricos sobre o assunto, um dos nossos objetivos foi fornecer subsídios às pesquisas que estejam sendo realizadas atualmente sobre a relação das travestis com o silicone industrial, considerada um problema de saúde pública (PINTO *et al.*, 2017; PERES, 2008; 2010).

Um ponto comum entre as pesquisas de Silva (1993) e Kulick (2008) pôde ser observado: ambos referenciavam o silicone industrial como um demarcador básico da instituição da pessoa travesti, instrumento obrigatório à consecução deste processo. Podemos hipotetizar que Oliveira (1994) e as informantes de sua pesquisa não tenham feito afirmações nesse sentido à medida que o silicone industrial não era um recurso disponível concretamente à época; assim, as travestis se transformavam como podiam, utilizando os recursos a que tinham acesso; Benedetti (2005), no entanto, demonstrou a falta de consenso quanto ao uso do produto.

Cerca de doze anos separa o fim da pesquisa de Oliveira (1994) e o início da pesquisa de Kulick (2008); a região do Pelourinho (BA), como pôde-se constatar, passou da não utilização do produto à sua supervalorização, temática que passou a mobilizar intensamente a sociabilidade das travestis no contexto da pesquisa de Kulick (2008). Ao que parece, a segunda metade da década de 1980 e grande parte do início dos anos 1990 constituiu-se período fundamental para a disseminação do produto na região, o que gerou, além de transformações objetivas quanto ao mercado do silicone industrial, transformações sociais e subjetivas nas usuárias do produto.

Referente à pouca quantidade de registros históricos acerca do silicone industrial presente na obra de Silva (1993), pode-se hipotetizar que talvez o uso do produto não fosse central no contexto pesquisado pelo autor, ou fugia ao escopo da pesquisa, à medida que os relatos etnográficos não os descreve. Além disso, o fato de ser a única pesquisa que foi realizada na cidade do Rio de Janeiro inviabiliza a comparação entre diferentes momentos históricos por que passou tal território, como pôde-se realizar entre Oliveira (1994) e Kulick (2008).

A descrição de Kulick (2008) sobre a sessão de aplicação do silicone industrial a qual assistiu revela que a bombadeira que encabeçou o procedimento havia migrado de Recife a Salvador a fim de realizar seu trabalho, situação similar revelada por Benedetti (2005), que afirma o fluxo de bombadeiras de outras capitais brasileiras à Porto Alegre; Benedetti (2005) demonstra, ainda, que algumas travestis interessadas na aplicação do

produto migravam a outras cidades, em que encontravam profissionais melhores que as disponíveis na região. Estas descrições sugerem como o fluxo do produto e sua aplicação pode ter ocorrido entre diferentes cidades e estados e, conseqüentemente, sua disseminação no território brasileiro.

Enfim, pode-se considerar que os registros encontrados permitem contextualizar historicamente o uso do produto, mas não são capazes de constituir um retrospecto histórico sobre o uso de silicone industrial pelas travestis no Brasil.

### Referências

ALBUQUERQUE, Fernanda de Farias; JANELLI, Maurizio. **A princesa: depoimentos de um travesti brasileiro a um líder das Brigadas Vermelhas**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1995.

AMARAL, Marília dos Santos. *et al.* “Do travestismo às travestilidades”: uma revisão do discurso acadêmico no Brasil entre 2001-2010. **Psicologia & Sociedade**, v. 26, n. 2, p. 301-311, 2014.

BENEDETTI, Marcos. **Toda feita: o corpo e o gênero das travestis**. Rio de Janeiro: Garamond Universitária, 2005.

BROILO, Rodrigo; JESUS, Jaqueline Gomes de. Acesso e permanência de pessoas trans e travestis ao sistema único de saúde: uma revisão integrativa, **Cadernos de Gênero e Diversidade**, v. 8, n. 2, p. 96-125, 2022.

CASSALHA, Ornella da Cunha. *et al.* Vivências de pessoas transgêneras no atendimento à saúde: metassíntese qualitativa. **Research, Society and Development**, v. 9, n. 10, p. e4769108810, 2020.

CORTES, Helena Moraes. *et al.* O (Des)Acesso de pessoas transgêneras aos serviços de saúde no Recôncavo Bahiano. **Cadernos de Gênero e Diversidade**, v. 6, n. 4, p. 159-180, 2020.

COSTA, Cicera Glaudiane Holanda; ADRIÃO, Karla Galvão; CAVALCANTI, Céu Silva. As experiências de pessoas trans\*: relatos sobre corpos, abjeções e direitos. **Quaderns de Psicologia**, v. 17, n. 3, p. 99-110, 2015.

DAVI, Edmar Henrique Dairell; BRUNS, Maria Alves de Toledo. “Caindo na vida”: vivência e corporeidade travesti na perspectiva fenomenológica. **Interação em Psicologia**, v. 19, n.3, p. 329-340, 2015.

DAVI, Edmar Henrique Dairell; BRUNS, Maria Alves de Toledo. Para ficar em cima do salto: a construção do corpo travesti na perspectiva Merleau-Pontyana. **Revista da Abordagem Gestáltica [online]**, v. 23, n. 2, p. 158-166, 2017.

DIAS, Guilherme José Parisi. A potência do conceito de sofrimento ético-político para pensar as vivências travestis na escola: trilhas iniciais. **Diversidade e Educação**, v. 9, n. 2, p. 421-442, 2022.

DIAS, Guilherme José Parisi; ARRUDA, Maria Olívia Garcia Ribeiro. Violentas e/ou violentadas? Travestis, violência e sofrimento ético-político. **Revista FSA**, v. 18, n. 4, p. 191-205, 2021.

FAVERO, Sofia. Não somos (todas) garotas dinamarquesas: gênero, ciência e a produção de conhecimento em esquinas latinas. **Periferia**, v. 13, n. 2, p. 185-206, 2021.

FAVERO, Sofia. Por uma ética pajubariana: a potência epistemológica das travestis intelectuais. **Equatorial – Revista do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social**, v. 7, n. 12, p. 1–22, 2020.

FERREIRA, Sérgio; FRANCISCO, Priscila Maria Stolses Bergamo; NOGUEIRA, Péricles Alves. Perfil de travestis e transgêneros: tuberculose e HIV/Aids na cidade de São Paulo. **Revista Panamericana de Salud Pública**, v. 40, n. 6, p. 410-417, 2016.

GARCIA, Marcos Roberto Vieira. **Dragões: gênero, corpo, trabalho e violência na formação da identidade entre travestis de baixa renda**. Tese (Doutorado em Psicologia Social) Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007.

GIANNA, Maria Clara. CRT DST/Aids-SP implanta primeiro ambulatório para travestis e transexuais do país. **BIS - Boletim Do Instituto De Saúde**, v. 13, n. 2, p. 182–189, 2011.

HOENISCH, Júlio Cesar; PACHECO, Pedro José. Ponderações sobre a feminilidade na condição travesti. **Estudos de Psicanálise**, n. 38, p. 79-88, 2012.

KULICK, Don. **Travesti: prostituição, sexo, gênero e cultura no Brasil**. (tradução: Cesar Gordon). Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2008.

MALES, Sylvia. *et al.* Silicone in HIV-1-infected patients: a cause of misdiagnosed granulomatous disease. **International Journal of Infectious Diseases**, v. 14, supp. 3, p. e277-e279, 2010.

MORAIS, Andréia Vanessa Carneiro; CORTES, Helena Moraes. Cirurgia de redesignação sexual: implicações para o cuidado. **J. Nurs. Health**, v. 10, n. 3, p. e20103002, 2020.

NOGUEIRA, Francisco Jander de Souza; LEÓN, Adriano Gomes de. “Trabalhadas no feminino”: um estudo sobre corpo, desejo e prostituição travesti em Fortaleza-CE. **Revista Latinoamericana de Estudios sobre Cuerpos, Emociones y Sociedad**, v. 4, n. 8, p. 55-67, 2012.

OLIVEIRA, Neuza Maria de. **Damas de paus**: o jogo aberto dos travestis no espelho da mulher. Salvador: Centro Editorial e Didático da UFBA, 1994.

OLIVEIRA, Esmael Alves de. *et al.* Reflexões em torno da saúde da população LGBT: cruzando temas, problemas e perspectivas. **Revista Brasileira de Estudos da Homocultura**, v. 3, n. 11, p. 07-18, 2021.

PELÚCIO, Larissa. Na noite nem todos os gatos são pardos: notas sobre a prostituição travesti. **Cadernos Pagu**, n. 25, p. 217-248, 2005a.

PELÚCIO, Larissa. Toda quebrada na plástica: corporalidade e construção de gênero entre travestis paulistas. **Campos Revista de Antropologia Social**, v. 6, p. 97-112, 2005b.

PELÚCIO, Larissa. **Nos nervos, na carne, na pele**: uma etnografia sobre prostituição travesti e o modelo preventivo de AIDS. Tese. (Doutorado em Ciências Humanas) Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2007.

PERES, Wiliam Siqueira. **Travestis**: corpo, cuidado de si cidadania. In: Seminário Internacional Fazendo Gênero 8, 2008, Florianópolis. Anais CD-ROM do Seminário Internacional Fazendo Gênero 8. Florianópolis: Editora Universidade Federal de Santa Catarina, 2008.

PERES, Wiliam Siqueira. Travestis, cuidado de si e serviços de saúde: algumas reflexões. In: COSTA, Horácio. *et al.* (Org.). **Retratos do Brasil homossexual**. São Paulo: Udup, 2010.

PINTO, Thiago Pestana. *et al.* Silicone líquido industrial para transformar o corpo: prevalência e fatores associados ao seu uso entre travestis e mulheres transexuais em

São Paulo, Brasil. **Cadernos de Saúde Pública [online]**, v. 33, n. 7, p. e00113316, 2017.

POLLOCK, Lealah. *et al.* You should build yourself up as a whole product': Transgender female identity in Lima, Peru. **Global Public Health**, v. 11, n. 7-8, p. 981-93, 2016.

PORCINO, Carle. *et al.* (Re)Construction of the body of transgender women: daily search for (in)satisfaction and care?. **Revista Brasileira de Enfermagem**, v. 75, n. 6, p. e20210512, 2022.

REGO, Joelson Xavier do. **Transcorporalidade: silicone industrial e Processo Transexualizador**. Dissertação (Mestrado em Psicologia Social Comunitária). Universidade Tuiuti do Paraná, Curitiba, 2018.

SANTOS, Ailton da Silva. **O gênero encarnado: modificações corporais e riscos à saúde de mulheres trans**. Tese (Doutorado em Saúde Coletiva). Instituto de Medicina Social, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2014.

SILVA, Hélio. **Travesti: a invenção do feminino**. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1993.

SILVA, Ricardo Araújo da. *et al.* Uso de hormônios não prescritos na modificação corporal de travestis e mulheres transexuais de Salvador/Bahia, Brasil. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 27, n. 2, p. 503–514, 2022.

SOUZA, Dediane. **“Dando o nome”**: eu e Dandara na construção de narrativas de humanidades de travestis em Fortaleza-CE a partir de um recorte do jornal O Povo. 140 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia). Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2022.

TAGLIAMENTO, Grazielle; PAIVA, Vera. Trans-specific health care: challenges in the context of new policies for transgender people. **Journal of Homosexuality**, v. 63, p. 1556-1572, 2016.

YORK, Sara Wagner; OLIVEIRA, Megg Rayara Gomes; BENEVIDES, Bruna. Manifestações textuais (insubmissas) travesti. **Revista Estudos Feministas**, v. 28, n. 3, p. e75614, 2020.

WIESSING, Lucas. *et al.* Silicones, hormones and HIV in transgender street prostitutes. **Aids**, v. 13, n. 16, p. 2315-16, 1999.

BROWN, Wendy. **Nas ruínas do neoliberalismo**: a ascensão da política antidemocrática no Ocidente; tradução Mario A. Marino, Eduardo Altheman C. Santos. São Paulo: Editora Filosófica Politeia, 2019.

#### Historical record about the use of industrial silicone by transvestites in Brazil

**Abstract:** In the face of scarcity of historical data about the problem of public health related to the clandestine injection of industrial silicone (IS) in the human body, the focus of this article was to raise historical records about the use of IS by transvestites present in four recognized researches held in Brazil with this population in the decades of 1980 and 1990. The analysis of Oliveira's research (1994) reveals that, although known among the transvestites, the IS hadn't been used by any participant as far as it was not available in the region yet. Silva (1993) quotes timidly the IS and in any passage indicates that the participants of the research used the product or it was available in the city of Rio de Janeiro. The unique researcher that described in details a section of application of IS, Kulick (2008) is the most contributing author with the historical records about the resource, widely used by the transvestites of Pelourinho (Salvador). Benedetti (2005) indicates the wide use of the product by transvestites of Porto Alegre, presenting considerable information about the use of silicone in the region. The records found allows to contextualize historically the use of IS by transvestites in Brazil, but they are not capable to constitute a historical retrospective about the phenomenon.

**Keywords:** Transvestites; Industrial silicone; History; Anthropology.

**Recebido: 04/09/2023**

**Aceito: 24/05/2024**